

A relevância da consciência histórico-hermenêutica na teologia contemporânea: aproximação entre Gadamer e Schillebeckx.

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves¹
PUC-Campinas / Teologia

1. Status quaestionis

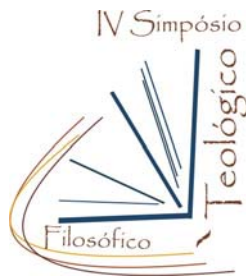
A teologia contemporânea é marcada por um processo de abertura aos elementos emergentes da modernidade, em busca de superação da apologética que lhe impossibilitou de dialogar com o saber moderno, por alguns séculos. Um elemento que muito contribuiu à teologia contemporânea constituir-se como um universal que se concretiza nas particularidades a partir da própria realidade particular foi a hermenêutica². E isso porque a hermenêutica contemporânea proporcionou que a categoria história fosse trazida à tona, dado que ela se vincula ao seu caráter científico e à historicidade do ser humano. Nesse sentido, refletir hermeneuticamente sobre a história é refletir sobre o ser humano, porque este é um ser histórico, capaz de produzir história em suas ações, sejam elas individuais sejam coletivas³. A produção histórica do ser humano é imbuída de temporalidade realizada no tempo e de espacialidade efetuada no mundo circundante em que está situado. Nessa produtividade surge a consciência histórica⁴ que se identifica com a hermenêutica, porque o ser humano presentifica o passado retomando-o e prospecta o futuro lançando-o. Em outras palavras, a consciência histórica do

¹ Bacharel e licenciado em Filosofia, e Bacharel em Teologia pela PUC-Campinas. Mestre em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, doutor em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana de Roma (Itália). É professor de Teologia, diretor do Centro de Ciências Humanas e embro do omite de Ética em Pesquisa com seres humanos da PUC-Campinas. É professor visitante do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Teologia da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. É avaliador institucional e de cursos de Filosofia e Teologia, do INEP-MEC.

² cf. GEFFRÈ, Claude. *Crer e interpretar. A virada hermenêutica da teologia*. Vozes: Petrópolis, 2004, pp. 23-27.

³ cf. GoNÇalves, Paulo Sérgio Lopes. “O ser humano como imagem e semelhança de Deus; a Atropologia Teológica”, in GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes – TRASFERETTI, José (orgs.). *Teologia na Pós-modernidade. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. Paulinas: São Paulo, 2003, pp. 257-258.

⁴ cf. GADAMER, Hans Georg. *O problema da consciência histórica*. FGV: Rio de Janeiro, 2006, p. 17.



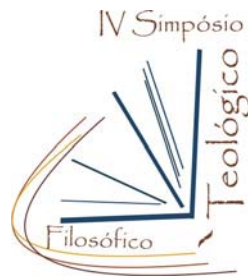
ser humano denota sua historicidade e sua capacidade de interpretar-se a si mesmo no mundo, examinando a sua vida no exercício de sua temporalidade. Por isso, a consciência histórica é sempre hermenêutica e propicia constante novas interpretações sobre o que já se leu e se busca sobre o que não se leu ainda. Trata-se de uma hermenêutica que retrata a experiência histórica, valoriza-a em cada texto lido ou outro tipo de obra visualizada. No interior da experiência está uma experiência humana, cuja expressão se realiza na linguagem desenvolvida em suas diversas formas.

Ora, a teologia é linguagem que exprime uma experiência histórica da revelação de Deus. Nesse sentido, toda linguagem teológica é expressão de um mundo, em sua qualidade de experiência vital, histórica e exposta em uma linguagem emergente da própria cultura produzida. Daí que ao se considerar a teologia como ciência de fé, enquanto um discurso sistematizado, organizado e metódico sobre Deus e seus derivados, não é possível elaborar um complexo teológico fechado em si mesmo, mas sistemicamente aberto ao *novum* que emerge das experiências históricas do ser humano⁵.

Nesse horizonte, a teologia contemporânea assumiu a categoria história, principalmente no movimento *Nouvelle Théologie*, para tratar de temas relevantes tais como a relação entre escritura e tradição, o ecumenismo, o diálogo do cristianismo com as outras religiões, o diálogo dos cristãos com os ateus. Essa categoria incidiu também nas formulações teológicas da práxis trazendo à tona a teologia da experiência, a teologia da esperança, a teologia política, bem como as teologias contextuais da libertação latino-americana, africana, sul-africana, norte-africana e asiática⁶. As teologias da práxis explicitaram um conceito de história como campo da revelação de Deus, apresentando uma conjunção da ação de Deus com a ação do ser humano e mostrando o ser humano como sujeito da história em consonância com o

⁵ cf. PASTOR, Félix Alejandro. “Teologia e Modernidade: alguns elementos de epistemologia teológica”, in GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes – TRASFERETTI, José (orgs.). *Teologia na Pós-modernidade*, op. cit. pp. 71-101.

⁶ cf. GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. “O contexto teológico, a teologia do Concílio Vaticano II e suas conseqüências históricas”, in *NBH* 201 (2006), pp. 129-148.



próprio Deus. Dessa forma, elas possibilitaram efetiva realidade à experiência histórica, à esperança e a política, esta última denotativa de solidariedade. As teologias contextuais têm origem nas teologias da práxis, mas apresentam a respectiva novidade epistemológica à medida que afirmam a relevância do seu específico contexto histórico. Cada modo de produção teológica supra mencionada possui suas peculiaridades que se articulam com a fé positiva, uma vez que dois princípios regem toda teologia: o da fé e o do lugar do qual se produz o complexo teológico⁷.

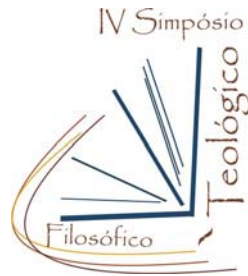
A consistência da incidência da categoria história na teologia foi proporcionada pela hermenêutica contemporânea, cuja identidade foi acentuadamente filosófica, em uma clara superação de que a hermenêutica era apenas uma interpretação técnica dos textos. Com isso, no que se refere à afirmação de uma consciência histórico-hermenêutica, efetivamente argumentada, destaca-se Hans Georg Gadamer, sensível à inovações proporcionadas por Friderich Schleiermacher, Wihelm Dilthey e principalmente Martin Heidegger, que proporcionaram o já mencionado caráter filosófico à hermenêutica. O vasto trabalho de Gadamer culminado em sua obra fundamental *Verdade e Método*⁸ e aprofundado em outros trabalhos tardios⁹ trouxe à tona a consciência histórico-hermenêutica, assaz relevante não apenas para acentuar a categoria história, mas também para apresentar efetiva e consistentemente a hermenêutica, principalmente em seus fundamentos¹⁰. Ao realçar e sistematizar os fundamentos da hermenêutica, Gadamer acentua experiência histórica como elemento intrínseco à constituição antropológica do ser humano e determinante na análise e operação hermenêutica.

⁷ Nesse sentido, o exemplo de maior destaque nas teologias contextuais é a teologia da libertação latino-americana que adquiriu valioso destaque epistemológico, histórico e pastoral. Nela está articulada a fé positiva e a vida dos pobres, consolidando-se como um sistema teológico com incidência pastoral nas Comunidades Eclesiais de Base e nas realidades sociais denotativas de ações transformadoras.

⁸ cf. GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método(I). Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Vozes – São Francisco: Petrópolis – Bragança Paulista, 1997; ID. *Verdade e Método (II). Complementos e índices*. Vozes – São Francisco: Petrópolis – Bragança Paulista, 2002.

⁹ cf. GADAMER, Hans Georg. *O problema da consciência histórica*. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 2006.

¹⁰ cf. GADAMER, Hans Georg. *O problema da consciência histórica*, pp. 57-71.

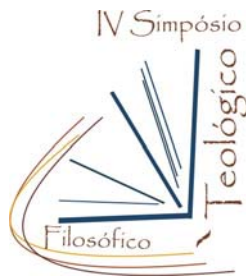


O caráter determinante da experiência histórica foi fundamental para que a teologia contemporânea assumisse epistemologicamente em seu complexo, a categoria história e consequentemente a consciência histórico-hermenêutica. Sustenta-se esta afirmação em algumas obras exemplares de teologias da história, da práxis e contextuais. A apropriação da experiência histórica no complexo teológico e, por conseguinte, a consciência histórico-hermenêutica, de maior evidência é a teologia da experiência desenvolvida pelo teólogo holandês Edward Schillebeeckx. Justifica-se esta aproximação, o fato da intuição gadameriana de fusão de horizontes ser semelhante com a correlação de espaços descrita pelo teólogo holandês. Em ambos, há um encontro entre o autor de um texto ou de acontecimento e o respectivo intérprete. Aqui, não se constata um confronto, mas uma fusão ou uma correlação, cujo resultado é a interpretação que traz à tona a verdade. Nessa perspectiva encontra-se meu objetivo neste artigo: explicitar a relevância e a necessidade da consciência histórico-hermenêutica na produção teológica, especificamente no que se refere à teologia da experiência.

Para atingir este objetivo, aproximar-se-á a hermenêutica de Gadamer da teologia da experiência de Schillebeeckx, buscando compreender a hermenêutica descrita pelo filósofo, precisamente em sua obra fundamental, complementada por alguns dos textos mencionados acima, e verificar a hermenêutica teológica da correlação de Edward Schillebeeckx presente em sua obra sobre a Revelação, complementada em outros escritos, principalmente de cristologia e de eclesiologia. Por isso, o ponto de partida será a descrição da consciência histórico-hermenêutica, seguida da explicitação de seu reflexo no teólogo holandês e dos desdobramentos dessa articulação.

2. A consciência histórico-hermenêutica na concepção de Hans Georg Gadamer

2.1 *O contexto filosófico da hermenêutica gadameriana*

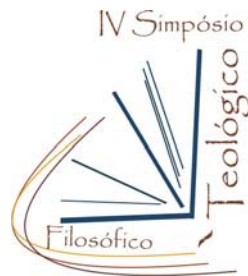


O desenvolvimento da consciência histórico-hermenêutica na concepção gadameriana está inserido no contexto do pensamento hermenêutico do autor, visto em sua totalidade. Sua obra fundamental, *Verdade e Método* é um estatuto da hermenêutica filosófica, cujo desdobramento está situado na estética, na história e na ontologia da linguagem. Trata-se de uma obra marcada pela contemporaneidade da hermenêutica iniciada por Friderich Schleiermacher¹¹ que conceituou a hermenêutica à luz da articulação entre gramática e psicologia. Com isso, colocava-se fim à idéia de que a hermenêutica se reduzia à técnica de interpretação textual e se assumia uma concepção efetivamente filosófica que incidia na análise do autor de um texto e do intérprete desse mesmo texto. Assim, a hermenêutica era a compreensão recíproca presente na relação do eu com o tu, uma vez que o texto a ser interpretado é um tu para o intérprete. Assim sendo, o texto e o intérprete são contemporâneos um do outro, o passado pode ser aprendido com o presente e o que é estranho torna-se familiar.

Na esteira de Schleiermacher, Wilhelm Dilthey¹² introduziu na reflexão sobre a hermenêutica, a categoria história pensada à luz da relação entre psicologia e compreensão, trazendo à tona um historicismo denotativo de uma razão histórica que complementa a crítica da razão pura descrita por Kant. Dilthey admitia a concepção de uma história universal, conforme fora desenvolvida por Hegel, mas objetivou sua compreensão a partir do si mesmo do ser humano. Por isso, recorreu à psicologia em suas vertentes descritiva e explicativa e apontou a consciência histórica como um auto-conhecimento humano. Dessa forma, descrevia uma filosofia da vida, cuja reflexividade se centra na experiência do sentido da vida, exigindo um recuo à interioridade natural da vida encontrada especialmente na sabedoria dos provérbios, dos mitos e das obras de arte. É aí que surge a consciência histórica que possui a hermenêutica como seu *telos*. Em outras palavras, a consciência histórica é a

¹¹ cf. SCHLEIERMACHER, Friederich. *Hermenêutica. Arte e técnica da interpretação*. Vozes – São Francisco: Petrópolis – Bragança Paulista, 2003.

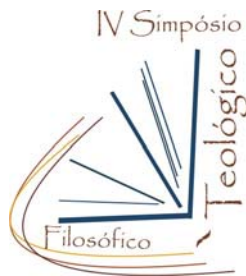
¹² cf. DILTHEY, Wilhelm. *Psicologia e compreensão. Idéias para um Psicologia Descritiva e analítica*. Edições 70: Lisboa, 2002.



hermenêutica da expressão, pela qual se compreende a vida. Dessa forma, a vida é decifrada em seu significado oriundo da experiência histórica. Esse historicismo diltheyniano serviu como base para afirmar as ciências humanas como iguais às ciências da natureza à medida que estão imbuídas de base empírica para sua auto-afirmação científica.

A despeito do historicismo de Dilthey ter consolidado a perspectiva filosófica da reflexão e da operação hermenêutica, é Martin Heidegger¹³ quem inaugura uma efetiva virada, tomando a questão do ser para afirmar sua ontologia hermenêutica. Sua preocupação fundamental foi com a compreensão do ser, cuja possibilidade de êxito existe na realização do ser aí humano enquanto ser no mundo. Por isso, o compreender é o ser aí no mundo enquanto modo de ser capaz de constituir um saber ser e possibilidade. Na concepção de Heidegger, a compreensão permite nova liberdade de espírito à medida que ela possibilita ao homem, movimento e dinamismo, de tal modo que o projeto existente seja revelado no ato de compreender. Por isso, a compreensão é o movimento de toda transcendência. O ser aí humano é o *Dasein* enquanto é o ser do ente como ser no mundo, um mundo circundante que permite que tal ser se ocupe e articule toda a sua história, como verdadeira historicidade. Esse ser aí possui uma estrutura existencial que comporta uma hermenêutica da facticidade que permite e consciência histórica do projeto lançado, constitutivo de um passado que se movimenta e mostra no presente denotativo de futuro. Este é o sentido de temporalidade, pela qual o *Dasein* desclausura sua subjetividade, tomando decisão e realizando sua existência autêntica. Pela decisão, a temporalidade autêntica é revelada: o futuro é antecipação, o passado é retomada da possibilidade realizada e o presente é o momento – instante – da decisão. Nesse sentido, a tradição histórica carrega consigo a estrutura existencial do ser aí humano, cuja expressão se encontra

¹³ cf. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo (I)*. Vozes – São Francisco: Petrópolis – Bragança Paulista, 2002; ID. *Ser e Tempo (I)*. Vozes – São Francisco: Petrópolis – Bragança Paulista, 2002.



na linguagem, conceituada como “a casa do ser”¹⁴ e que fundamenta o círculo da compreensão.

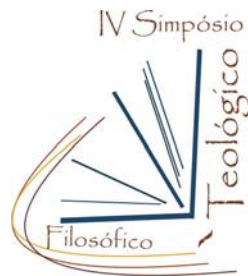
2.2 A concepção de consciência histórico-hermenêutica

Diante da história contemporânea da hermenêutica e a despeito das contribuições de Schleiermacher e Dilthey, Gadamer assume a esteira heideggeriana não apenas em sua obra pioneira, como também homenageia seu mestre com um volume específico, no qual retrospectivamente apresenta Heidegger em seu contato pessoal, na relação com os gregos antigos, com a sociologia de Bourdieu, com a filosofia social de Habermas e com a poesia de Hördelin¹⁵. Nesse sentido, após descrever o significado de uma hermenêutica estética, por meio da análise filosófica que lhe permitiu conceituar gosto, gênio, beleza, arte, incidindo esses conceitos sobre o tema da verdade, estendendo-se às ciências do espírito, Gadamer elabora os traços fundamentais de uma teoria da experiência hermenêutica, descrevendo a historicidade da compreensão e analisando a consciência da história efetual para afirmar a necessidade e a consistência da consciência histórico-hermenêutica.

Seu ponto de partida é o círculo de compreensão já descrito por Heidegger, cuja referência é a relação do singular com o todo e vice-versa. Isso significa afirmar que se compreende a singularidade pela totalidade e se compreende a totalidade pela singularidade. No entanto, o círculo não pode se tornar vicioso, mas vigoroso para que seja efetivamente uma possibilidade de conhecimento originário, isento de arbitrariedade e de determinismo. Isso significa que a coisa a ser interpretada há de ter espaço para mostrar-se, com um espírito de abertura à ação do próprio intérprete. Nesse sentido, a compreensão exige uma pré-compreensão denotativa de que o todo acontecimento textual ou não, a ser interpretado possui um projeto prévio, com vitalidade própria a ser lançada. No entanto, a eficácia da compreensão exige

¹⁴ HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*, Moraes: São Paulo, 1991, p. 1

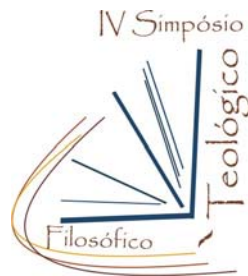
¹⁵ cf. GADAMER, Hans Georg. *Hermenêutica em retrospectiva(I). Heidegger em retrsopectiva*. Vozes: Petrópolis, 2007.



superar um possível caráter arbitrário desse projeto prévio, uma espécie de espírito autoritário que se fecha às novas possibilidades, como se o edifício de conhecimento fosse já encerrado. Essa superação supõe a alteridade do texto e do intérprete, cabendo a este último deixar que o texto – a coisa – explicita a sua fala, diga sua palavra. Isso exige superar a visão do preconceito como um falso juízo, mas como um conceito prévio legítimo que possibilita recuperar a autoridade e a tradição, tendo em vista a constituição da consciência histórico-hermenêutica¹⁶.

O sentido de autoridade que legitima o preconceito está ligado ao conhecimento e não à força ou à capacidade de imposição. Ela não é essencialmente arbitrária, mas racional e passível de compreensão. Exercida por pessoas, a autoridade, explicita o juízo, a visão que abarca um todo maior do que a que se abrange pelas pessoas que não possuem autoridade. Mediante a autoridade, reconhece-se um conhecimento maior, de melhor envergadura, fortalecido pela razão que proporciona a emergência do conhecimento. A tradição é uma forma de autoridade que se legitima pela sua capacidade de conservar costumes adquiridos vitalmente, mediante o discernimento de todas as pessoas envolvidas na construção consensual dessa mesma tradição. Essa capacidade se efetiva sem a necessidade de fundamentação, pois ela é o dinamismo da liberdade e da história construídas pelo ser humano. Por isso, na tradição encontra-se a conservação em movimento denotativo de constantes mudanças históricas. O caráter conservador da tradição não é fixo e estático, mas dinâmico, passível de mutação e efetivamente racional. No entanto, essa racionalidade não se identifica com um objetivismo histórico isento da articulação entre a própria tradição e a ciência histórica, entre a história e conhecimento histórico. Mas implica que a vivacidade da tradição na consciência histórica se efetiva à medida que se propicia ao ser humano compreender-se a si mesmo mediante a retomada viva de seu passado. E quando o ser humano efetua essa

¹⁶ cf. GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método(I)*, op. cit., pp. 354-368; ID. “Sobre o círculo de compreensão”, in *Verdade e Método (II)*, op. cit., pp. 72-80.



retomada, ele ativa uma investigação histórica no bojo do movimento histórico da própria vida, encontrando nesse mesmo movimento sua sustentação¹⁷.

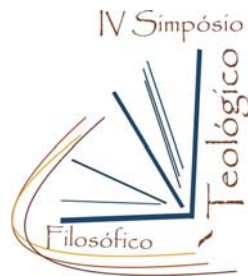
Nesse movimento se encontra o clássico próprio da tradição, aquilo que a sustenta originariamente e, em seu movimento fortalece essa mesma sustentação. O clássico não é sinônimo de velho, ultrapassado e pertencente a uma contingência histórica sem sentido. Ao contrário, o clássico assume uma identidade de intemporalidade denotativa de um modo de ser histórico que se desdobra na historicidade do sujeito humano, responsável por esse processo histórico. Por isso, a compreensão não deverá ser pensada apenas como um ato da subjetividade, mas também como uma retroação penetrante em um acontecimento da tradição, em que o passado e presente estão inter-relacionados¹⁸.

Na ação retroativa visualiza-se um significado hermenêutico da distância temporal¹⁹, a qual é uma categoria importante na operação hermenêutica e denotativa da regra de que compreensão se efetiva na circularidade entre o todo e a parte e vice-versa. Nesse sentido, há um grande círculo da parte com o todo, mas sua amplidão adquire consistência com a construção de círculos concêntricos, nos quais se apresentam uma diversidade de todos e de partes, cada qual entrelaçada uma com a outra. É nesse círculo hermenêutico que ocorre a compreensão, marcada pela distância temporal do todo com a parte, tão necessária para o desenvolvimento da própria historicidade da materialidade da tradição. Por isso, o círculo não é meramente formal ou o subjetivo ou objetivo, mas um jogo em que a tradição se entrelaça com o intérprete. Dessa forma, a pré-compreensão que é intrínseca ao círculo da compreensão não é um ato da subjetividade, mas um *continuum* constitutivo do próprio processo hermenêutico. Essa continuidade denota que na concepção gadameriana, o círculo de compreensão não uma formalidade metodológica,

¹⁷ cf. GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método(I)*, op. cit., pp. 368-377.

¹⁸ cf. GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método(I)*, op. cit., pp. 378-384.

¹⁹ cf. GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método(I)*, op. cit., pp. 385-397; ID. "Historicidade e verdade", in *Hermenêutica em retrospectiva (III). Hermenêutica e a filosofia prática*. Vozes: Petrópolis, 2007, pp. 42-57.



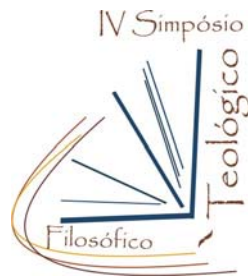
mas fundamentalmente um momento estrutural ontológico da compreensão. Concebido dessa forma, o círculo apresenta um sentido, cuja consequência é o que se denomina de “concepção prévia da perfeição”²⁰. Essa concepção guia a compreensão humana e apresenta uma unidade de sentido perfeita fundamentada na pressuposição de um conteúdo determinado e nas expectativas de sentido transcendente. Essa fundamentação emerge da relação da verdade com o horizonte objetivado, o que radicaliza ainda mais a função da pré-compreensão. Pois é a pré-compreensão que constitui a “a comunidade de preconceitos fundamentais e sustentadores”²¹, que por sua vez possibilita o sentido de pertença, visto em articulação com a compreensão. No conjunto da compreensão, vista em seu dinamismo e constante movimentação, os preconceitos e as opiniões que constituem a pré-compreensão não são obstáculos à compreensão, mas são elementos que impulsionam uma melhor compreensão. Novamente, realça-se aqui a relevância da distância temporal, porque o texto e o intérprete constituem o todo e se constituem como partes distintas desse mesmo todo. A distância temporal possibilita que o intérprete se relaciona com o autor do texto pelo texto, sendo exatamente aí que o texto ganha autonomia, supera seu autor constantemente em uma clara demonstração do caráter produtivo da compreensão. Nesse sentido, a compreensão não reproduz um conhecimento, mas produz uma verdade, a verdade da coisa, oriunda da própria distância temporal empregada e assumida. No entanto o sentido de um texto ou de uma obra não se esgota em um ponto determinado, mas possui continuidade à medida que surgem novas fontes de compreensão. Daí a importância da consciência histórico-hermenêutica que emerge como um espírito hermenêutico de um círculo de compreensão inesgotável e de profunda abertura às novas interpretações.

A consistência da consciência histórico-hermenêutica está na história efetual²². Justifica-se essa posição o fato de que, para Gadamer, compreender

²⁰ GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método(I)*, op. cit., p. 389.

²¹ GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método(I)*, op. cit., p. 390.

²² cf. GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método(I)*, op. cit, pp. 397-405.



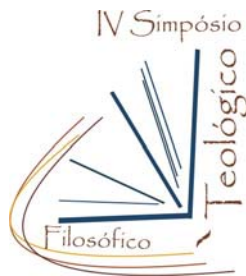
é um processo de história efetual, vista como uma verdadeira consciência da situação hermenêutica que se remete ao conceito de horizonte. Por horizonte entende-se o “âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que pode ser visto a partir de um determinado ponto”²³. Mas um horizonte não é auto-suficiente e nem absoluto em si mesmo. Ele implica sempre um outro horizonte, a fim de que se torne possível a supra mencionada abertura. Nisso consiste seu caráter estreito: ser ele mesmo para possibilitar a emergência do outro, enquanto um novo horizonte. A estreiteza de horizonte é a consciência pensante da possibilidade de ampliar o horizonte, de possibilitar o surgimento de novos horizontes, caracterizados em sua própria alteridade. Aí reside o cerne da compreensão hermenêutica: o desenvolvimento da consciência histórica de um horizonte acerca da existência do outro, da respectiva e simultânea interpelação e da conseqüente fusão. Assim, a consciência histórica singular se amplia quando se transporta para horizontes históricos constituídos pela fusão e oriundos de atos de deslocamento, enquanto efetividade da interpelação de um horizonte ao outro. A compreensão então, consiste em fundir os horizontes do texto com o do intérprete, o passado com o presente, em levar a cabo a consciência histórico-hermenêutica considerando a alteridade emergente dos horizontes.

Ao afirmar a necessária fusão de horizontes, Gadamer realça a relevância da experiência histórica na hermenêutica²⁴, buscando superar a visão de que a *empíria* só pode ser crível e plausível nas ciências da natureza e apresentar de modo consistente a experiência também nas ciências do espírito²⁵. Para afirmar sua concepção de experiência histórica, Gadamer analisa algumas concepções de experiência presentes na história da filosofia, dentre os quais se destacam: o método experimental de Francis Bacon, o caráter universal da experiência para se alcançar a ciência conforme a visão de

²³ GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método(I)*, op. cit., p. 399.

²⁴ cf. GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método(I)*, op. cit., pp. 447-472; ID. “A continuidade da história e o instante da existência”, in *Verdade e Método(II)*, op. cit., pp. 159-172.

²⁵ cf. GADAMER, Hans Georg. *O problema da consciência da histórica*, op. cit., pp. 17-25; ID. “A verdade nas ciências do espírito”, in *Verdade e Método(II)*, op. cit., pp. 49-56.



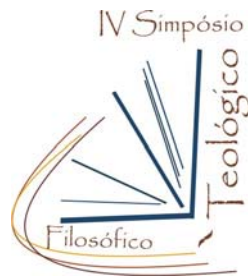
Aristóteles e a dialética da consciência e da experiência descrita por Hegel que caracteriza a experiência como experiência da consciência. A partir desses autores, Gadamer entende ser a experiência a experiência histórica, em sua qualidade de historicidade do ser humano. Isso significa afirmar que a experiência é experiência da finitude humana, dos limites do ser humano, do discernimento para se tomar decisões. O ser humano experimentado adquire consciência das suas potencialidades e dos seus limites, possui capacitação para perceber sua historicidade, concebida como o emergir do homem na sua situação espacial e temporal. Por isso, a experiência histórica é experiência hermenêutica e, por isso se deve recorrer novamente à tradição, porque a hermenêutica está impreterivelmente relacionada à tradição, vista como um “tu” em relação ao objeto. Aí se estabelece uma relação viva da tradição com o objeto, efetivando-se o que já se denominou acima de vivacidade da tradição.

Para aprofundar a experiência hermenêutica como experiência histórica, relacionada à tradição, Gadamer segue a esteira heideggeriana²⁶ e se desdobra na ontologia fundamental da linguagem. Para isso, analisa a linguagem como *médium* da experiência hermenêutica, desenvolvendo o caráter de linguagem como determinação do objeto hermenêutico e como determinação da realização hermenêutica. Em seguida, analisa a cunhagem do conceito de linguagem ao longo da história do pensamento ocidental, relacionando a linguagem com o *logos* grego e com o *verbum* cristão, explicitando especialmente a encarnação do Verbo como linguagem efetiva na vida humana²⁷.

A partir desse trabalho, Gadamer apresenta a linguagem como horizonte de uma ontologia hermenêutica, porque é a linguagem que exprime uma experiência de mundo compreendido como experiência histórica do ser humano. Por isso, a linguagem possui um caráter singular e específico, denotativo de que sua universalidade está situada na esfera do que é

²⁶ cf. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo (I)*, op. cit., pp. 218-227; ID. *A caminho da linguagem*. Vozes – São Francisco: Petrópolis – Bragança Paulista, 2003.

²⁷ cf. GADAMER, Hans Georg, *Verdade e Método (I)*, pp. 497-565.



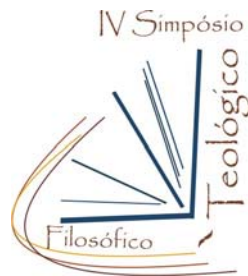
específico em cada povo e em cada cultura. No entanto, a linguagem ressalta também a alteridade, profundamente necessária para que se efetive a operação hermenêutica. Pela alteridade, torna-se possível constatar o outro em sua especificidade própria que possui historicidade denotativa de experiência histórica²⁸. Aliás, não pode existir mundo sem história, já que a caracterização do mundo é inevitavelmente realizada pela historicidade do ser humano²⁹. Assim sendo, a linguagem concebida como meio é imbuída de uma estrutura especulativa, porque a consciência que a move é a consciência histórico-hermenêutica. Essa função mediadora da hermenêutica realça o valor da dialética que imprime a pergunta e impulsiona resposta. Nesse sentido, o ato de ouvir – mais do que o ato de ver – na formulação da linguagem é fundamental e imprescindível à medida que se admite ser a linguagem, resultado de um processo comunicativo. O espírito especulativo da linguagem propicia suscitar as perguntas necessárias e relevantes, bem como a apropriação necessária ao ato de interpretar. Não se trata de uma apropriação indébita e sem sentido, mas um ato intrínseco à operação hermenêutica, vista em sua qualidade filosófica de interpretação capaz de suscitar o *novum* da verdade, mediante a efetividade do diálogo constitutivo do círculo hermenêutico³⁰.

Nesse sentido, a linguagem é o canal da unidade originária do mundo com o ser humano, bem como é o próprio ser que pode ser compreendido. Trata-se de um canal que explicita a beleza emergente da relação do ser humano com o mundo, cuja relação com o conceito de bem e a primazia da natureza possuem caráter irrenunciável. Assim, a linguagem torna fundamental não apenas a relação simétrica do mundo com o ser humano, mas também a aparência dessa relação denotativa da efetividade do diálogo das partes. Aliás, o diálogo é verdadeiramente uma luz sapiencial ou uma sabedoria que ilumina e por isso, propicia a emergência da beleza da verdade. Essa beleza é fruto da

²⁸ cf. GADAMER, Hans Georg, *Verdade Método(I)*, pp. 566-588.

²⁹ cf. GADAMER, Hans Georg, “Mundo sem história?”, in *Hermenêutica em retrospectiva(IV). A posição da filosofia na sociedade*. Vozes: Petrópolis, 2008, pp. 49-57.

³⁰ cf. GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método(I)*, op. cit., pp. 589-611.



arte de compreender, vista como um jogo dialógico de quem está imerso historicamente na realidade em questão. Dessa forma, a linguagem decorre do movimento hermenêutico que possibilita a vivacidade da tradição, que torna o tempo presente capaz de retomar o passado e lançar-se para o futuro, que coloca o intérprete diante do evento ou texto, na condição de um eu diante de um tu, cuja relação encontra legitimidade pelo diálogo³¹. Pela efetividade do diálogo, não há imposição do eu sobre o tu e vice-versa, mas movimento de humildade – no sentido de abaixamento (*Kénosis*) –, de deixar-se ser interpelado, de movimento na direção do outro, de entendimento de que o aprendizado na vida é constante e necessário para que a linguagem – casa do ser humano – denote uma experiência histórica vital, da qual emerge uma consciência histórico-hermenêutica, extremamente necessária ao processo inesgotável da compreensão³².

3. A incidência da consciência histórico-hermenêutica na teologia da experiência de Edward Schillebeeckx

Conforme se mencionou acima, a virada hermenêutica na Filosofia incidiu na produção contemporânea de teologia, especialmente no que se refere à categoria história. O desenvolvimento da concepção de consciência histórico-hermenêutica desenvolvida por Gadamer está relacionada à teologia da experiência descrita por Edward Schillebeeckx, o qual elaborou um método de correlação que é analogicamente o que Gadamer entendeu por fusão de horizontes. Para que se compreenda adequadamente a aproximação desses autores e o salto hermenêutico dado por Schillebeeckx, torna-se necessário

³¹ cf. GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método(I)*, op. cit., pp., pp. 612-631; ID. *Verdade e Método (II)*, op. cit., pp. 173-182.

³² GADAMER, Hans Georg. *O problema da consciência histórica*, op. cit., p. 71: “Compreender é operar uma mediação entre o presente e o passado, é desenvolver em si mesmo toda a série contínua de perspectivas na qual o passado se apresenta e se dirige a nós. Nesse sentido radical e universal, a tomada de consciência histórica não é o abandono da eterna tarefa da filosofia, mas a vida que nos foi dada para chegarmos à verdade sempre buscada. E vejo na relação de toda compreensão com a linguagem a maneira pela qual se revela a consciência da produtividade histórica”.



sistematizar os elementos epistemológicos da teologia da experiência do pensador holandês, cuja síntese se encontra em sua obra sobre a revelação divina³³, amparando-se na sua cristologia³⁴, na sua eclesiologia³⁵ e em alguns outros textos importantes³⁶.

A teologia da experiência é marcada pelas duas viradas fundamentais na filosofia e na teologia: a hermenêutica e a antropológica. Na primeira, tem-se o desenvolvimento da concepção de que a teologia não é um complexo definitivamente encerrado, porque sua anterioridade é a de linguagem e, por isso, passível de uma compreensão mediada por um processo de interpretação, possibilitando a afirmação de que a teologia é hermenêutica³⁷. Na segunda, extremamente de herança rahneriana, a formulação teológica não se efetiva sem a concepção de ser humano fornecida pela antropologia de caráter transcendental. Por isso, a articulação entre teologia e antropologia se fundamenta na filosofia transcendental, pela qual se compreende o ser humano no mundo em que está situado³⁸. Iluminado por essas duas viradas, Schillebeeckx desenvolve a sua teologia da experiência partindo da estrutura histórica e existencial do ser humano³⁹, visando apresentar a revelação de Deus, uma cristologia fundamental e uma eclesiologia histórica.

³³ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana: revelação de Deus*. Paulus: São Paulo, 1994.

³⁴ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *Gesù. La storia di un vivente*. Queriniana: Brescia, 1976.

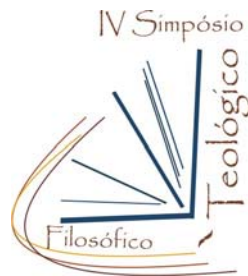
³⁵ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *Por uma Igreja mais humana. Identidade cristã dos ministérios*. Paulinas: São Paulo, 1989.

³⁶ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *The Language of Faith. Essays on Jesus, Theology, and the Church*. Orbis Books – SCM Press: Maryknoll – New York, 1995. Trata-se de uma coletânea de textos escritos por Schillebeeckx na revista internacional de teologia *Concilium*, no período da década de 1960 até ao final da década de 1980.

³⁷ cf. LIBÂNIO, João Batista. “Desafios da Pós-modernidade à teologia fundamental”, in GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes – TRASFERETTI, José (orgs.). *Teologia na Pós-modernidade. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. Paulinas: São Paulo, 2003, p. 158-161; GEFRE, Claude. *Crer e interpretar. A virada hermenêutica na teologia*. Vozes: Petrópolis, 2004, pp. 29-63.

³⁸ cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. “É necessário filosofar na teologia.: unidade e diferença entre filosofia e teologia em Karl Rahner”, in OLIVEIRA, Pedro Rubens de – PAUL Cláudio (orgs.). *Karl Rahner em perspectiva*. Loyola: São Paulo, 2004, pp. 201-218.

³⁹ O seguimento de uma leitura cronológica da trilogia fundamental de Schillebeeckx constituída das obras de cristologia, de eclesiologia e de revelação, levaria o leitor a fazer um percurso que parte da hermenêutica e não antropologia. Neste sentido, visualiza-se já na primeira obra, que o autor se ocupa em apresentar sua perspectiva hermenêutica a fim de explicitar a metodologia utilizada em toda a obra. No entanto, é verificado com toda evidência necessária e possível que nessa hermenêutica está assentada com centralidade fundamental, a experiência histórica do ser humano no ato de interpretar o evento da revelação. Isso conduz o leitor a atentar-se para a terceira obra, sinal de amadurecimento do autor e, por



Ao partir da história do ser humano, Schillebeeckx realça a unicidade da história, não havendo então divisão entre história profana e história sagrada, mas uma só história na qual se desenvolve salvação ou a perdição, enquanto experiência singular de cada uma⁴⁰. Explicita também o caráter universal da salvação que se efetua no mundo e não fora dele⁴¹, em uma clara demonstração de que a revelação divina não ocorre fora dos dramas humanos, dos contrastes históricos, do sofrimento dos seres humanos, principalmente aqueles sofrimentos que conduzem à situação de pobreza e de morte prematura⁴².

A afirmação do caráter universal da salvação remete também à concepção de que sua efetividade se realiza historicamente mediante a revelação. Isso significa que se torna necessário distinguir entre salvação e revelação. A primeira é propriamente o ato de Deus em salvar o ser humano, em dar-lhe vida em abundância. Essa atitude é histórica e denota uma relação de proximidade de Deus com o ser humano, não para Deus intervir arbitrariamente na história, mas entrar na história humana, participar dela e nela compadecer-se dos sofredores deste mundo. Além da compaixão, Deus salva libertando o ser humano da situação de sofrimento, conduzindo-o à uma vida melhor, mas sempre contando com a ação humana na qualidade ação também fundamental neste processo. A maior evidência de que Deus salva na história está na própria encarnação de seu Filho, sacramento por excelência de Deus e de sua atuação histórica⁴³.

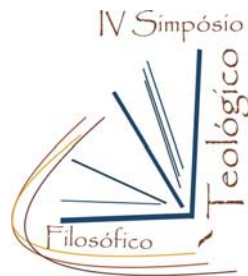
consequência de explicitação de sua hermenêutica fundamentada na mencionada experiência histórica.

⁴⁰ cf. ELLACURÍA, Ignacio. “Historicidad de la salvación cristiana”, in *MysL* I, pp. 323-372 elabora com evidência e competência a unidade da história e a experiência de salvação ou perdição presente em seu interior. Edward Schillebeeckx efetua essa unidade, ao menos intrinsecamente, já que ao longo de seus textos continua a utilizar os termos “sagrado” e “profano”, com evidência de que o uso é metodológico, mas não conceitual.

⁴¹ SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana*, op. cit. p. 21: “Fora do mundo não há salvação”.

⁴² cf. GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Liberationis Mysterium. O projeto sistemático da teologia da libertação. Um estudo na perspectiva da regula fidei*. PUG: Roma, 1997, pp. 90-93. Aqui pode ser visualizada a profunda inserção de Edward Schillebeeckx no conjunto das teologias da práxis, pelo que ele estabelece relação com a teologia da libertação latino-americana.

⁴³ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *Gesù*, op. cit. pp. 1-26; ID. *Cristo, sacramento dell'incontro con Dio*. San Paolo: Milano, 1987, pp. 21-39.



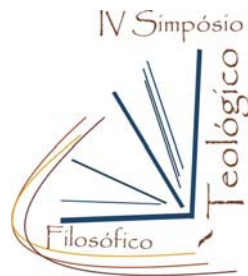
A segunda corresponde à conceituação modal de que Deus salva se revelando historicamente, assumindo uma cultura, em um tempo e em um espaço determinados e determinantes na própria compreensão acerca da revelação. É nesse universo da revelação que surgem as religiões, na condição de caminhos para Deus, sem que o divino seja esgotado. As religiões e as igrejas são “sacramento da salvação no mundo”⁴⁴ à medida que elas recordam aos seres humanos, o desígnio salvífico de Deus e o modo como esse mesmo Deus está agindo em favor do *humanum* no mundo. Mas as religiões e as Igrejas não estão isentas de historicidade e da história em seu todo. Ao contrário, elas são também históricas, efetuam um processo histórico e nele denotam sua historicidade, na qualidade de caminhos para Deus, conforme se enunciou acima. Ao considerar o caminho da humanidade como caminho de revelação divina, em cuja experiência atua também a Igreja, há de se afirmar que a revelação é mediada pela experiência histórica dos seres humanos⁴⁵.

A compreensão do significado da experiência histórica descrita por Schillebeeckx, supõe uma operação hermenêutica, que conduz o autor à análise da estrutura cognitiva de experiências humanas. O teólogo holandês relaciona a experiência com a tradição de experiência, afirmando o horizonte da experiência e o horizonte da tradição, pressupondo em ambos um quadro prévio interpretativo, sobretudo no âmbito da tradição, já que ela é entendida como uma corrente de experiências que adquirem gradativamente significado e sustentação teórica. A experiência vivida necessita de ser traduzida em linguagem que exprima o seu respectivo significado. No entanto, a linguagem não é neutra em sua constituição e reflete o *lôcus* social de seu formulador, o uso ideológico, os modelos lingüísticos construídos sob determinados parâmetros e os elementos projetivos oriundos do subconsciente humano⁴⁶. Por isso, a experiência não é um fenômeno unidimensional que pode ser aplicado a quaisquer pessoas, mas é um fenômeno singular e específico que

⁴⁴ SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana*, op. cit. p. 31.

⁴⁵ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana*, op. cit. pp. 17-34.

⁴⁶ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana*, op. cit. pp. 35-41



só pode ser aplicado à sua devida referência. Nessa singularidade reside a nova experiência que proporciona nova consciência e, por consequência propicia o surgimento de nova racionalidade. Mas essa nova experiência há de ser competente, exigindo então uma racionalidade crítica que traga à tona a própria autoridade da experiência, fundamentada em experiências anteriores lançadas para novas experiências⁴⁷.

A experiência histórica marcada pela alteridade propicia dinamismo na linguagem que exprime a experiência interpretada. Por isso, quando se considera a história e por consequência, a historicidade da revelação, transcende-se e afirma-se o caráter religioso da própria revelação. E isso porque, é no humano que o divino se expressa e é tanto na esfera religiosa quanto na profana que a revelação acontece. É nesse movimento de uma experiência em relação à outra, com efetivo dinamismo histórico, em que o presente retoma o passado e lança o futuro, que se compreende hermenêuticamente a fé. Ocorre que a fé é a resposta à própria revelação divina; é o mergulho do ser humano a Deus que se revela na história marcada também pelos sofrimentos humanos, pelo grito dos oprimidos, pelas lágrimas dos que choram⁴⁸. A fé possibilita a sensibilidade, permeada pela alteridade, que produz a indignação ética, já que a *ethos* possui necessariamente uma conexão interna com a *fides*⁴⁹. Essa conexão promove uma outra conexão que é a fé ética com o *pathos* da história humana⁵⁰.

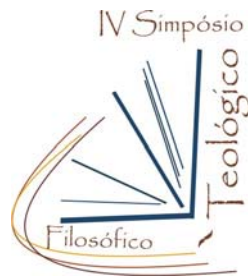
É exatamente nesse ponto que a revelação cristã deve ser compreendida: a revelação de Deus em Cristo tem como *locus revelatus*

⁴⁷ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. "The Role of History in What Is Called the New Paradigm", in *The Language of Faith*, op. cit., 1995, pp. 237-244; DUQUE, João. "Gadamer e a Teologia", in *RPF* 56(2000), pp. 454-456. Esse movimento da experiência descrito por Schillebeeckx muito se aproxima do que Gadamer denominou de retroação e lançamento, em uma clara demonstração de uma experiência histórica do presente não é deslocada nem do passado e nem do futuro. E de encontro ainda com Gadamer, o teólogo holandês aponta para a presença da alteridade na própria experiência, porque em seu bojo torna-se possível compreender as diferenças, evidenciá-las em um movimento efetivamente hermenêutico, de interpretação que requer sempre nova interpretação.

⁴⁸ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana*, op. cit. pp. 41-47.

⁴⁹ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana*, op. cit. pp. 48-54.

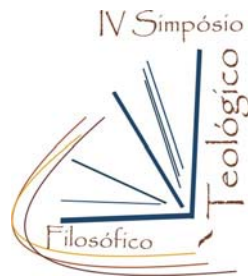
⁵⁰ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. "The crisis in the Language of Faith as a Hermeneutical Problem", in *The Language of Faith*, op. cit., pp. 83-85.



privilegiado o sofrimento do ser humano, cuja expressão ápice está na cruz de Jesus. Por isso, a cristologia é efetivamente cristologia fundamental e seu ponto de partida é Jesus de Nazaré, sendo que sua referência é o Cristo experimentado na fé pelo ser humano. Aqui reside um ponto crucial do raciocínio de Schillebeeckx: a hermenêutica se dá na dialética do Cristo da fé com o Jesus da história. E isso ocorre em função de que as comunidades cristãs que elaboraram o textos neotestamentários estavam situadas em seu contexto próprio e específico, no qual professavam a sua fé nas dimensões doxológica, intelectual e testemunhal. A movimentação dessa fé levaram-nas à busca de Jesus de Nazaré, Aquele que foi crucificado porque teve uma determinada práxis de vida que incidiu historicamente, cuja consequência é a morte na cruz. Assim sendo, o horizonte das comunidades cristãs de profissão de fé em Cristo se fundiu com o horizonte de Jesus de Nazaré, cuja compreensão é mediada pela fé articulada com a história. Nesse sentido, o processo de compreensão das comunidades cristãs do novo testamento, não está isento de tensões oriundas do próprio processo de interpretação. Um fio condutor fundamental para se entender as causas das tensões é que, pela distância temporal entre a comunidade do contexto do texto e Jesus de Nazaré promove-se a influência de quem está no presente – neste caso, as comunidades cristãs neotestamentárias – na sua relação com o passado retomado. Essas tensões são divididas em dois tipos: a da relação entre Jesus de Nazaré e o contexto de sua época histórica e a do próprio processo de interpretação acerca de Jesus efetuado pelas comunidades cristãs, que por sua vez, também estão situadas em contexto histórico específico⁵¹.

O mesmo movimento hermenêutica que se dá na cristologia fundamental ocorre também na eclesiologia. Partindo do nexa da Igreja apostólica com Jesus, Schillebeeckx toma o modelo eclesiológico neotestamentário e o conduz ao longo de toda a história da Igreja, demonstrando que a tradição apostólica está sendo lançada ao futuro e que o presente, que era o futuro na era apostólica, retoma o passado dando vivacidade à própria Igreja. Daí que a

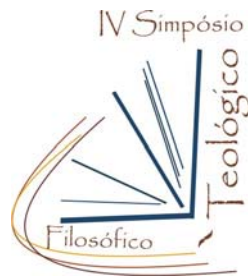
⁵¹ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *Gesù*, op. cit., pp. 37-56.



eclesiologia contemporânea só pode ser compreendida quando ocorre esse movimento hermenêutico de retomada do passado que propicia perceber o processo histórico, com sua diversidade de experiências históricas que incidiram na formulação atual.

O caráter contemporâneo da hermenêutica da cristologia e da eclesiologia constitui em um ponto fundamental e imprescindível da teologia da experiência de Schillebeeckx. Justifica-se esse posicionamento o fato de que o intérprete contemporâneo utiliza-se de instrumentos próprios da pesquisa científica para compreender a tradição sobre Cristo e a Igreja, em um movimento denotativo de historicidade. Daí que a hermenêutica não pode prescindir da crítica histórica, filológica e ideológica, dado que durante toda a tradição estão elementos que se desviaram de um caminho consoante à fidelidade originária da profissão de fé cristã e outros que mantiveram fidelidade, mediante a elaboração de formas criativas denotativas de vivacidade da tradição. Assim, no processo de fusão dos horizontes do intérprete contemporâneo e do novo testamento deve existir uma hermenêutica crítica, efetuada a partir de uma leitura histórica da tradição eclesial, patrística, dogmática e teológica, considerando também as experiências negativas seja da imagem de Cristo, seja da imagem da Igreja, bem como o sofrimento humano. Trata-se de buscar uma identidade cristã de sentido, o que exige a presença da crítica no ato de interpretar. E isso porque a identidade cristã não é formalmente única na história do cristianismo, mas é diversa em movimento de unidade.

A hermenêutica na teologia de Schillebeeckx é permeada pela fé. Por isso, é que se afirmou acima se tratar de uma fé hermenêutica, mas sua articulação fundamental está na práxis histórica. A práxis permite a efetividade da operação hermenêutica, porque ela funciona como pré-compreensão que percorre todo o processo de compreensão. Assim, a práxis histórica da fé vista na sua singularidade incide no todo da compreensão de Jesus Cristo e da Igreja. E isso porque ela é uma interpretação da interpretação do evento da revelação de Jesus Cristo e da Igreja decorrente desse evento. A práxis serve



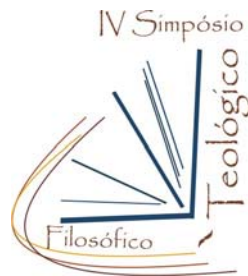
como elemento que se atenta ao elemento original do processo interpretativo – a fé no Ressuscitado que suscitou a retroação ao Jesus histórico e o lançamento para o kerygma de seu significado para a humanidade – e que sustenta o sentido de se viver a fé professada em cada período histórico. Mais do que isso, a fé hermenêutica efetivada pela práxis permite que se faça a crítica ideológica necessária para que imagens falsificadas de Cristo e da Igreja continuem a ser construídas e a ter hegemonia no imaginário humano⁵². Dessa forma, propicia-se a edificação de uma nova linguagem da fé, imbuída do revelação como princípio que se tornou histórica e teve seu caráter teologal realizado na ética, que por sua vez incide em forma de práxis histórica de fé⁵³.

Considerando o caráter incisivo da práxis histórica da fé, deve-se perguntar: que sentido tem a história vista a partir da práxis de fé? Para Schillebeeckx, a história deve ser analisada em consonância com a noção de tempo. E para a fé cristã, o tempo não se esgota em sua dimensão cronológica, mas é também *Kairós*. Por essa categoria, infere-se que o tempo é oportunidade de vida, experimentada com sentido pela fé. Por isso, pela vivência da fé na perspectiva kairológica do tempo, a história é impulsionada ao futuro. E no cristianismo, o futuro é escatologia, é o tempo que há de vir, é o fim glorioso em Deus e com Deus. Assim, a história não se encerra em si mesma e não possui o seu fim na destruição do ser humano que a produz. A história está aberta para o futuro que vem de Deus; ela está imbuída de caráter escatológico⁵⁴. Isso significa que a história é o *lócus revelatus* de Deus, o campo em que Deus salva o ser humano, mostrando-se fiel à sua promessa de salvação. Essa sua fidelidade está demonstrada na encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo e todo o seu significado vivido e transmitido pela

⁵² cf. SCHILLEBEECKX, Edward. “The crisis in the Language of Faith as a Hermeneutical Problem”, op. cit., pp. 86-94.

⁵³ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. “La Ecclesia Jesu Christi con racconto di futuro. Su perdono e riconciliazione”, in MIETH, Dietmar – SCHILLEBEECKX, Edward – SNIJDEWIND, Hadewych (orgs.). *Cammino e visione. Universalità e regionalità della teologia nel XX secolo. Scritti in onore di Rosino Gibellini*. Queriniana: Brescia, 1996, pp. 193-214.

⁵⁴ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. “Some thoughts on the Interpretation of Eschatology”, in *The Language of Faith*, op. cit., pp. 43-53.



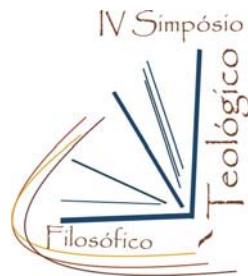
Igreja⁵⁵. Assim sendo, o futuro escatológico não é anti-histórico e nem a-histórico, mas histórico e torna a história, escatológica. Esse caráter escatológico da história assim se constitui em função de que a história se articula com a criação, cuja perspectiva fundamental é escatológica. Isso significa afirmar que se criação e salvação estão articuladas, porque Deus cria salvando e salva criando⁵⁶, e se a criação está articulada com a história, então a história está permeada pela escatologia e por consequência aberta ao futuro.

4. A necessidade da consciência histórico-hermenêutica na teologia da experiência

Atinge-se neste momento a necessidade de explicitar a incidência da consciência histórico-hermenêutica desenvolvida por Gadamer na teologia da experiência de Edward Schillebeeckx. Conforme o exposto, a consciência histórico-hermenêutica é a consciência que o ser humano tem de sua historicidade, de suas experiências históricas, de modo a compreender hermenêuticamente o sentido do que vive. Admitir essa consciência significa afirmar que não existe um fato visto em sua totalidade objetiva, conforme afirmava o historicismo objetivista, mas o que existe é a interpretação feita mediante um processo histórico, marcado pelo relacionamento das pessoas, constituídas de suas diversas experiências históricas, de sua vivência de costumes, de suas tradições, imbuídas de caráter axiológico. Por isso, um evento denota o envolvimento de pessoas, de situações diferenciadas e diversas, cuja compreensão é hermenêutica. Isso significa afirmar que o intérprete não infere a verdade de um evento objetivamente ou não aplica determinadas suposições na compreensão desse evento. Compreender no sentido hermenêutico, significa questionar, interpretar mediante o diálogo do intérprete com o evento ou o texto, suscitar seus atores, seu contexto histórico,

⁵⁵ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana*, op. cit., pp. 176-188.

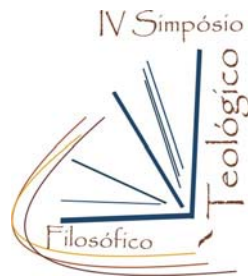
⁵⁶ cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Criação, graça e salvação*. Loyola: São Paulo, 1993, pp. 9-30.



deixando-se envolver pela distância temporal que traz à tona a experiência histórica a ser traduzida em linguagem, em sua qualidade de elemento ontológico fundamental no ato de compreender.

Essa descrição gadameriana possibilita visualizar que para Schillebeeckx não existe a fé pura e objetiva, isenta da operação hermenêutica. Para ele, a fé é hermenêutica à medida que impulsiona o processo ontológico de compreensão. Assim, em ambos os autores tanto o evento ou texto quanto o intérprete possuem horizontes diferentes que, pela comunicação dialógica se fundem para o estabelecimento da verdade emergente. No entanto, ambos concordam que os dois horizontes são distintos, mas que o horizonte do intérprete é interpelado, em função da sua alteridade, a fazer o movimento de retroação ao acontecimento interpretado e, por sua vez, realiza o movimento prospectivo de lançamento. Assim sendo, o tempo gadameriano se desenvolve no próprio processo circular da compreensão, mediante a categoria “distância temporal”, profundamente relevante para afirmar a vivacidade da tradição. Trata-se de um ponto importante na incidência da consciência histórico-hermenêutica na teologia da experiência de Schillebeeckx, porque se a tradição é viva, imbuída de dinamismo histórico, então o evento presente deve ser interpretado mediante sua análise histórica e crítica. Isso levou Schillebeeckx a desenvolver em sua hermenêutica a crítica – ideológica, em especial – no que se refere à Igreja e a imagem de Cristo. Dessa forma, desestrutura-se uma visão apologética da eclesiologia e da cristologia fundamental e elabora uma visão hermenêutica, fruto de um processo que trouxe à tona o contexto histórico – com seus agentes e suas contradições – os aspectos filológicos – quando se trata de um texto – e sua linguagem jamais fechada em si mesma, mas aberta às novas formulações.

A afirmação da vivacidade da tradição significa também realçar a relevância da experiência histórica, denotativa de consciência histórica e da premissa de que o ser humano é histórico e imbuído de historicidade. Por isso, é que se afirma que Schillebeeckx segue a esteira gadameriana ao fazer o círculo hermenêutico que envolve as comunidades cristãs primitivas e o Jesus

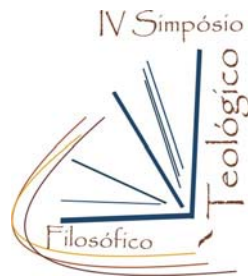


histórico, em um evidente movimento de retroação, visando afirmar a tradição originária do evento Cristo. Assim sendo, esse evento adquire significado contemporâneo à medida que o intérprete contemporâneo se retrai possibilitando que os textos neotestamentários sejam lançados e possuam vida contemporânea, efetivamente atualizada. Por isso, torna-se possível afirmar que a Escritura é palavra de Deus para os seres humanos de hoje, porque ela ultrapassa o sentido da letra e atinge um verdadeiro sentido espiritual⁵⁷. Do mesmo modo, o texto escriturístico pode ser atualizado à medida que o intérprete contemporâneo, partindo de suas condições sócio-culturais, psicológicas e religiosas, lê o texto bíblico, relendo-o à luz da dinâmica de sua tradição histórica.

Outro elemento importante a ser considerado na teologia da experiência de Schillebeeckx é a categoria práxis. Por meio dela, torna-se possível efetivar o salto hermenêutico e a crítica ideológica necessária, a fim de que a linguagem teológica seja eficaz diante dos desafios contemporâneos colocados à própria ciência teológica. Nesse sentido, a consciência histórico-hermenêutica não só valoriza a práxis, mas também a organiza metodicamente de modo que sua racionalidade esteja propícia a atender a necessidade da eficácia.

Por isso, a consciência histórico-hermenêutica gadameriana adquire importância também nas teologias contextuais. São teologias que não podem prescindir da experiência histórica de seus respectivos interlocutores, no processo de elaboração de seu complexo teórico. A própria práxis histórica é elemento da constituição da mencionada consciência, uma vez que denota a força, a fraqueza, a angústia e a esperança de seus interlocutores. O maior

⁵⁷ cf. DE LUBAC, Henri. *L'Écriture dans la tradition*. Aubier: Paris, 1996. Trata-se de um texto que desenvolve os quatro sentidos da Escritura, dentre os quais, o literal e o espiritual. Entre ambos existe uma relação profunda, de modo que o texto enche-se de vida no movimento da própria tradição cristã. Também aqui, é possível fazer a relação com Gadamer, quando se refere à linguagem ocidental cristã presente na noção de verbo encarnado. Dessa forma, o filósofo alemão apresentava a noção da historicidade do *Verbum* e seu significado histórico. Dessa forma é possível fazer a analogia do sentido espiritual da Escritura e o significado histórico do Verbo encarnado.



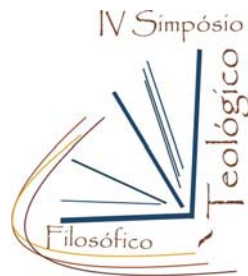
exemplo disso, é a teologia da libertação latino-americana⁵⁸, nitidamente influenciada pela teologia da experiência de Schillebeeckx e por todo o processo de renovação da hermenêutica. Nessa teologia, a experiência histórica dos pobres é elemento imprescindível e fundamental para o desenvolvimento do conteúdo da fé, pois retrata a novidade hermenêutica em relação às teologias que não se referem à imanência divina à luz de um método descendente. Aqui, a práxis histórica dos pobres é ato primeiro, enquanto a elaboração teológica é o ato segundo. Assim, a elaboração teológica é antecedida pela práxis histórica, elemento determinante para o modo de produção da teologia libertadora. A partir da práxis, utiliza-se a mediação sócio-analítica, a hermenêutica com base na Bíblia e na tradição eclesial e a teórico-prática, pela qual se possibilita a incidência na práxis novamente.

Seguindo essa mesma lógica estão as teologias produzidas no contexto asiático e africano⁵⁹. Elas também partem da experiência histórica de seus respectivos povos, atentam-se às suas formulações religiosas e às suas matrizes culturais e efetuam um processo de releitura da Bíblia e da tradição eclesial e teológica, visando descobrir – melhor, redescobrir – a verdade da revelação. Por isso, a consciência histórica de cada povo é um elemento hermenêutico de caráter imprescindível na elaboração teológica, sem o qual se perde a consistência epistemológica dessas teologias.

Enfim, a articulação entre história e escatologia é assaz presente na teologia da experiência de Schillebeeckx. Na realidade, a consciência histórico-hermenêutica é, segundo o teólogo holandês, fundamentalmente consciência de fé hermenêutica. Justifica-se essa posição o fato de que a experiência de fé é uma experiência histórica determinante para que a fé seja hermenêutica, possibilitando interpretar os acontecimentos históricos à luz dessa mesma fé. Desse ponto de vista, a história possui dimensão escatológica, porque a

⁵⁸ GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. “Teologia da libertação: um estudo histórico-teológico”, in SOUZA, Ney de (org.). *Temas de teologia latino-americana*. Paulinas: São Paulo, 2007, pp. 168-209.

⁵⁹ CHENU, Bruno. *Théologies chrétiennes des tiers mondes. Latino-américaine, noire américaine, noire sud-africaine, africaine, asiatique*. Lê Centurion: Paris: 1987.



consciência histórico-hermenêutica, em sendo uma consciência de fé hermenêutica, interpreta o *eschaton* presente na história e a abertura dessa mesma história para o *novum*, compreendido somente mediante a mencionada fé. Em analogia com essa perspectiva, pode-se inferir de toda descrição acerca da hermenêutica da estética⁶⁰ que Gadamer assumiu uma concepção de tempo pleno ao referir-se à operação hermenêutica na obra de arte. Antes, porém, o filósofo alemão conceituou o “tempo vazio”, como o algo *in abstracto*, destinado a ser preenchido, utilizado e medido, sendo que em tal condição, aniquila o seu conteúdo. O tempo pleno, por sua vez é o tempo experimentado como tal, é o tempo significativo da experiência humana. Existencialmente, esse tempo constitui a unidade orgânica do ser vivo e adquire um espírito de permanência. Por isso, esse tempo pode ser aquele tempo da festa, do momento da irradiação da alegria, do instante artístico que une passado, presente e futuro. Esse tempo pleno gadameriano pode ser comparado ao tempo escatológico de Schillebeeckx, bem como pode ser visto analogamente como tempo de abertura da história ao *novum*, àquilo que factualmente há de vir, como efetiva verdade.

⁶⁰ GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método (I)*, op. cit., pp. 612-631.